

5 Conclusão

Ao longo dessa pesquisa pude fazer uma trajetória que me possibilitou compreender o Teatro do Oprimido de uma forma um pouco mais profunda. Agora retomarei alguns aspectos encontrados no decorrer da análise. Primeiramente pude avaliar que algumas pesquisas sobre o TO, que analisam sua dialogicidade, já partem do pressuposto da identificação com Freire e, portanto, não se questionam a respeito da perspectiva pedagógica do TO. Isto porque o diálogo é identificado como a característica central de ambas e não se busca outras referências de diálogo utilizadas pelo próprio Teatro do Oprimido.

Outro ponto novo que pude encontrar, analisando a história do TO, é que o diálogo não surge no teatro realizado por Boal em oposição ao bancarismo do Teatro de Arena, mas sim em oposição à contradição de fazer um teatro revolucionário sem se considerar claramente como parte da classe trabalhadora. O diálogo tornou-se uma preocupação para Boal na medida que este passou a se incomodar por não aceitar os “conselhos” que ele mesmo dava a outros.

Tão logo Boal começou a desenvolver aspectos básicos de um novo teatro, a ditadura civil-militar brasileira o levou ao exílio. E é nesse momento que a dialogicidade do TO desenvolve-se mais amplamente. No entanto, nessa situação os participantes conheciam mais de sua realidade do que Boal. Com essas pessoas Boal pode compartilhar conhecimentos, e desenvolver técnicas teatrais e o “povo” lhe ensinava formas de luta, revolucionárias. Sendo assim, as técnicas eram desenvolvidas de tal forma que não era o “curinga” que levava o conteúdo e sim os participantes das oficinas.

O exílio europeu radicaliza esse aspecto, já que, na Europa, Boal era convidado para “demonstrar” suas técnicas teatrais latino-americanas e não para enfrentar opressões. Mas, para “demonstrar”, Boal precisava que os participantes dissessem alguma opressão que vivenciam. Ao surgir opressões mais subjetivas (medo do vazio, solidão, etc), Boal poderia colocar-se ainda menos no debate. Já que aquela opressão era vivenciada de modo bastante individual. Isso levou a uma valorização maior da técnica do que do conteúdo e a um monólogo dos

educandos. Embora com um contexto distinto, pude notar que os curingas do CTO compartilham da opinião que o curinga não precisa participar do diálogo com sua opinião. Em Freire, como vimos, o conhecimento prévio do educador é imprescindível, no TO é interessante, algo a mais.

Ao retornar ao Brasil, Boal percebeu os limites da perspectiva pedagógica do TO, desenvolvida na Europa, para a transformação da realidade. A alternativa desenvolvida, então, foi a criação do Teatro-Legislativo, que passava o potencial transformador para outro âmbito, o institucional e governamental. Alguns textos do Boal do final da sua vida parecem indicar uma compreensão que o limite que o TO estava enfrentando não poderia ser resolvido apenas com a realização do Teatro Legislativo. Mas, seria necessário que o curinga levasse o grupo a fazer uma ascense, indo do micro ao macro, revelando as estruturas que causam as opressões para além de como cada uma a percebe.

Encontrei também muitas semelhanças entre Freire e Boal, tal como fora apresentado em diversos trabalhos que relacionam os dois pensadores. Mas encontrei também as seguintes diferenças: (1) Boal não valoriza essencialmente o conhecimento do educador/liderança revolucionária, como faz Freire; (2) ao invés da construção coletiva de conhecimento, pilar do pensamento de Freire, no TO o fundamental é a revelação do que cada um pensa; (3) TO se aproxima mais do *empowerment* individual, não voltado para a ação coletiva de classe como propõe Freire.

Quanto a relação do TO com Sócrates, a primeira compreensão relevante foi o entendimento do método socrático como um processo amplo que inclui a maiêutica. Sendo assim, usar a maiêutica sem as outras etapas do método, como a ironia, leva ao oposto do objetivo de Sócrates. Além disso, o método socrático buscava encontrar a verdade única e universal através da razão. E a maiêutica é conduzida principalmente a partir de perguntas fechadas e não abertas. Esses aspectos são bem diferentes da utilização da “maiêutica” feita por Boal. No entanto, a relação de diálogo tanto em Sócrates quanto em Boal acontece entre duas pessoas, enquanto para Freire deveria ser mediado pelo mundo, sem se esgotar na relação “eu-tu”. Com a realização das entrevistas, pude constatar uma aproximação entre perspectiva de diálogo dos curingas do CTO e o método socrático: a necessidade de destruição do preconceito (mas não de toda opinião

parcial ou mítica). O distanciamento ocorre principalmente pela rejeição das perguntas fechadas, tão recorrentes em Sócrates como ficou demonstrado.

Outro ponto compreendido no processo da pesquisa, principalmente a partir das entrevistas realizadas, é que a formação de curingas ocorre pela vivência, pela experiência. A questão que se coloca é que a experiência de formação dos curingas do CTO é bastante diferente da vivência dos novos curingas que se formam através dos atuais cursos de formação de multiplicadores. Estes cursos, pela questão concreta do tempo, não dão conta da investigação e da pesquisa que os curingas do CTO vivenciaram enquanto atores de grupos de Teatro do Oprimido. O que faz com que os multiplicadores sintam que o que as pessoas pensam sobre o tema é suficiente para a montagem da peça e que a investigação e pesquisa mais profunda não são necessárias.

Além desse levantamento geral de aspectos encontrados ao longo da pesquisa, gostaria de concluir buscando responder as questões que iniciaram essa pesquisa.

(1) Quais as relações existentes entre a maiêutica socrática e a Pedagogia do Oprimido? Estas perspectivas teóricas são complementares? Se sim, em qual medida? E em quais aspectos elas não seriam complementares?

O primeiro ponto que preciso destacar é entre a maiêutica e o método socrático. Esse aspecto não estava claro para mim na ocasião da elaboração do projeto de pesquisa. Mas, o estudo do pensamento de Sócrates me revelou que a maiêutica faz parte de um método mais amplo e é irrealizável sem o procedimento anterior, a ironia. Então, embora a questão proposta seja sobre a relação entre a “maiêutica socrática” e a “Pedagogia do Oprimido” ela só pode ser respondida considerando o “método socrático”.

Na pesquisa, constatei que embora possamos dizer que tanto Freire quanto Sócrates se baseiem no diálogo para construção de novos conhecimentos, seus objetivos e métodos são completamente distintos. O objetivo de Sócrates, como já apresentei, era descobrir a verdade – única e universal. Paulo Freire também buscava a construção de um conhecimento rigoroso e científico, mas que não era considerado nunca como a verdade inequívoca, pois sempre precisa ser revisto e reconstruído coletivamente. Além disso, Freire tem um objetivo mais específico, a libertação, a superação das relações de poder. É possível realizar, em um processo educativo baseado na Pedagogia do Oprimido, momentos inspirados no método

socrático, mas as duas perspectivas não poderão se relacionar na íntegra.

Freire e Sócrates começam o diálogo considerando que a percepção dos educandos no início do processo é baseada na experiência concreta, em mitos, no senso comum e que esse conhecimento deve ser superado. No entanto, na Pedagogia do Oprimido o conhecimento que o educando traz não deve ser destruído para só então construir um conhecimento verdadeiro e válido. Pelo contrário, para Freire, o senso comum trazido pelos educandos participa dialeticamente do processo de construção de um conhecimento rigoroso e científico e é, inclusive, condição *sine qua non* para a construção desse novo conhecimento.

Sendo assim, não posso considerá-los complementares. Os dois têm pontos comuns (usar o diálogo, encontrar um conhecimento rigoroso, científico da realidade), mas os objetivos e o método são diferentes, tal como tentei demonstrar.

(2) *Há alguma relação entre a maiêutica socrática e a Pedagogia do Oprimido na proposta do Teatro do Oprimido? Se há, quais são os desdobramentos possíveis para esta prática teatral?*

O Teatro do Oprimido tem muitos pontos em comum com a Pedagogia do Oprimido. Nos dois faz-se a leitura de que no mundo há oprimidos e opressores e insere-se na perspectiva das classes oprimidas, na luta pela superação das opressões e libertação de oprimidos e opressores, humanizando a humanidade. E nos dois parte-se da experiência concreta dos educandos.

Mas, enquanto na Pedagogia do Oprimido investiga-se o objeto coletivamente, em diálogo, no Teatro do Oprimido debate-se sobre esse objeto. Creio que este distanciamento da pedagogia de Freire pode ser entendido observando que a sistematização do Teatro do Oprimido se deu, principalmente, no exílio de Boal. Sendo assim, ele, como um estrangeiro passageiro, não conhecia profundamente a realidade em questão para propor uma investigação tal como sugere Freire. Mas ele perguntava para as pessoas o que elas sabiam, o que elas achavam daquele problema. Se, por um lado, esse é o ponto que afasta o TO do pensamento de Freire, por outro, é justamente esse ponto que o aproxima de um aspecto do método socrático: “através de perguntas, buscar dar parto a novas ideias”. E é este aspecto particular, que originou o termo, que Boal e o CTO

chamam de “maiêutica socrática”. Ou seja, Boal se baseia na origem etimológica da palavra “maiêutica” e não no seu lugar no interior do método socrático.

É interessante notar que no princípio da pesquisa, pelas informações que eu já tinha, eu considerava que o Teatro do Oprimido, de forma geral, estava mais próximo da maiêutica socrática do que da Pedagogia do Oprimido. Mas não. Na verdade, não encontrei novos pontos de aproximação do Teatro do Oprimido com Freire, mas encontrei diversos pontos de divergência com a maiêutica socrática, que agora só pode ser entendida como uma reapropriação a partir do significado etimológico da palavra.

Contraditoriamente ou não, embora esse ponto aproxime o TO do método socrático, ele também o afasta. Pois o debate sobre o tema começa sem que o conhecimento anterior tenha sido destruído (através da ironia). A investigação e o conhecimento gerado (o que as pessoas acham do tema) é justamente aquele que Sócrates acreditava que devia ser destruído.

Um segundo aspecto que distancia o TO da maiêutica (considerando apenas essa parte do método socrático) é o tipo de pergunta feita em cada um. No TO, como todos os curingas e Boal afirmaram, deve-se sempre usar perguntas abertas, para desenvolver o que as pessoas pensam. Entretanto, no método socrático não faria nenhum sentido, após destruir o que a pessoa achava que era a verdade, mas que era sua opinião, fazer perguntas abertas para construir um novo conhecimento. Se a pessoa acabou de descobrir que ela não sabe nada, como que uma pergunta aberta poderia lhe ajudar a construir um novo conhecimento? Sócrates precisa então direcionar a pessoa, com perguntas fechadas, para que ela encontre a verdade (que já estaria dentro de si).

O segundo ponto da questão de pesquisa que eu coloquei é sobre os desdobramentos na prática teatral. Pelo que pude analisar, a investigação apenas do que as pessoas pensam sobre o tema tratado cria o risco de se construir peças que dificilmente conseguirão revelar causas mais estruturais, já que, em geral, essas causas estão ocultas da vivência cotidiana. E, como o Teatro do Oprimido tem como objetivo a transformação da realidade opressora, as intervenções e propostas de ação do oprimido irão se inserir no universo da peça que não mostra as causas essenciais daquele problema. Ou seja, usualmente não atingem a causa do problema, deixando sua extinção mais distante.

Por outro lado, uma investigação do tema por uma perspectiva mais

freireana poderia levar à construção de cenas que revelassem as causas dos problemas, já que, na Pedagogia do Oprimido, conhecer as estruturas dos problemas sociais é um dos objetivos do processo pedagógico de investigação coletiva do objeto. Pelas entrevistas dos curingas do CTO, observa-se que a prática deles nos grupos inclui uma investigação mais profunda do objeto, embora por perspectivas diferentes, como já apresentei. Mas, como essa investigação não é incluída nos cursos de formação, por questão de tempo, ela não acontece necessariamente nos grupos formados pelos multiplicadores, que se constituem na maior parte dos curingas atuais. Estes aprendem, pela vivência, que é possível montar uma cena de Teatro-Fórum considerando apenas as opiniões e conhecimentos que os presentes possuem no momento da oficina.

No entanto, considero que para responder completamente essa questão seria necessário retomar a pesquisa de campo, observando peças de Teatro-Fórum e ensaios de grupos formados tanto pelos curingas do CTO quanto por multiplicadores.

(3) Qual a função ou papel pedagógico do diálogo no Teatro do Oprimido? Tal concepção está relacionada com a dialogicidade socrática e freireana?

Neste ponto, a pesquisa reforçou o que já era claro, o diálogo é a base, está no centro do Teatro do Oprimido. A montagem da peça, a busca de soluções, a escolha do problema e o desenvolvimento artístico dos participantes se dão através do diálogo. Além disso, o objetivo final de todas essas ações é a construção de uma sociedade dialógica. No TO o diálogo é entendido, em geral, como uma relação entre duas pessoas ou dois grupos, com relação de poder o mais equânime possível. Ao curinga cabe a incitação do diálogo entre atores e plateia, sendo sua responsabilidade estimular que todos apresentem seus pontos de vistas. O próprio curinga deve buscar fazer perguntas que leve as pessoas a uma reflexão mais ampla, sem colocar sua opinião diretamente.

Creio que a relação com a dialogicidade socrática e freireana já foi bastante explorada nos tópicos anteriores. De qualquer forma, o objetivo e interesse do TO no diálogo são extremamente congruentes com o pensamento de Freire. O que os diferencia é principalmente a forma de realizar esse diálogo e seus resultados finais. Para Freire, diferentemente do que é feito no TO, a relação dialógica não se esgota na relação “eu-tu”, mas deve incluir o objeto que está

sendo investigado. Curiosamente, este ponto é também o que mais aproxima a perspectiva de diálogo do TO da maiêutica socrática, pois, nela o diálogo acontece na relação “eu-tu”, sem incluir o objeto. Mas, como já apresentei, também há algumas divergências entre a concepção de diálogo do TO com a maiêutica, principalmente quanto a visão geral do processo de produção/obtenção do conhecimento.

Durante toda a pesquisa busquei das referências pedagógicas do TO, estando aberta a possibilidade de encontrar novas referências para além das aqui apresentadas. Na investigação feita na obra de Boal e nas falas dos curingas estive atenta a possibilidade de haver alguma outra perspectiva de diálogo que embase o TO, além da pedagogia do Oprimido e do método socrático. O que pode perceber, nas falas dos curingas, principalmente, é que alguns pontos podem aproximar a perspectiva de TO de outras correntes teóricas. No entanto, nenhuma delas parece ser uma leitura vinda de dentro do Teatro do Oprimido, mas sim uma relação possível e, por isso, não foram investigadas. A questão de o diálogo, por exemplo, ser definido como a relação comunicativa entre dois lados em condições iguais e de forma sincera pode nos levar a pensar alguma aproximação com o pensamento de Habermas. Para este filósofo a interação espontânea entre indivíduos é estável quando existe um consenso das expectativas de validade das situações de fala¹. O resultado desse procedimento pode então, ser considerado racional, desde que os indivíduos nele envolvido ajam comunicativamente e não estrategicamente. Para Habermas a “Liberdade comunicativa só existe entre atores que desejam entender-se entre si sobre algo num enfoque performativo e que contam com tomadas de posições perante pretensões de validade reciprocamente levantadas” (Habermas, 1997: 156).

Embora possa até ser feita uma pesquisa sobre a relação do TO com o pensamento de Habermas ou outro autor, nenhuma outra referência além do Paulo Freire ou Sócrates surgiu do próprio objeto de pesquisa durante a investigação. Dessa forma, se fosse para pesquisar a relação entre o TO e outros autores ou

¹ São quatro *expectativas de validade*: (1) os conteúdos transmitidos são compreensíveis; (2) os interlocutores são verazes; (3) o que está sendo dito é verdadeiro; (4) o locutor age em consonância com normas justificadas.

perspectivas filosóficas/pedagógicas que não são citadas por Boal ou os curingas do CTO, eu teria que abrir um leque muito grande de comparações e isto estaria além de minhas possibilidades, afinal, além do exemplo que dei com Habermas haveria de comparar com o pensamento político-pedagógico do marxismo, existencialismo, fenomenologia, estruturalismo, libertário, escola-novista e talvez até outros.

Por fim, considero que essa pesquisa revelou aspectos novos sobre a dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido. Espero que esses novos conhecimentos possam servir para o desenvolvimento do Teatro do Oprimido, na busca pela realização integral de seus objetivos. E que, de forma alguma, sirva para justificar qualquer descrédito com essa perspectiva teatral tão rica e necessária no atual contexto histórico.

Então, por um lado, espero que essa pesquisa, que só se realizou com o apoio e sustentação de uma universidade, possa contribuir para a reflexão prática e teórica dos praticantes de Teatro do Oprimido. Por outro lado, espero que essa pesquisa, vinda de uma praticante de Teatro do Oprimido, formada pelo CTO, possa contribuir para o reconhecimento acadêmico da importância do Teatro do Oprimido para as relações pedagógicas, teatrais e políticas no Brasil. Reconheço que dizer que estes são meus desejos não é suficiente para que eles se realizem e é necessário gerar ações para concretizá-los. Para reforçar meu desejo termino minha dissertação com a transcrição do trecho final da entrevista com a Coordenadora do CTO, Helen Sarapect, que, melhor do que eu, expressou essa necessidade. Após concluir as perguntas do roteiro da entrevista, questionada por mim se gostaria de acrescentar algo, ela respondeu-me:

Tem uma coisa que eu gostaria que você acrescentasse que é o TO dentro do mundo universitário. [...] Eu tenho um grande sonho de manter o CTO vivo e forte. Eu devo isso ao Boal. Como se fosse... claro que é por mim também, pela sociedade inteira, pelas pessoas, pelo mundo, pelo planeta. [...] Então eu acho que manter isso aqui vivo é uma dívida com o mundo, comigo, com Boal. E botar o Teatro do Oprimido na universidade, instituir, entrar lá dentro do mundo acadêmico, é uma coisa que eu queria deixar registrado. [...] Primeiro, porque Boal merece. Ele sofreu muito no mundo acadêmico com o Teatro do Oprimido. As pessoas martirizaram Boal. Boal sofreu preconceito demais enquanto vivo, sem merecer. Então foi muito injustiçado, o Teatro do Oprimido, enquanto instrumento pedagógico, enquanto algo que é extremamente útil para o mundo acadêmico, que pode ser extremamente interessante. Então, contra essa injustiça a

ele e ao Teatro do Oprimido eu tenho uma meta forte aqui no CTO de instituir, criar uma forma do Teatro do Oprimido realmente entrar nas universidades brasileiras. E lá fora já tem muita coisa, curricular inclusive. Dentro de currículo de sociologia, não só de teatro, de pedagogia, de educação. E dentro do Brasil a gente tem poucas iniciativas. Aliás, temos até muitas iniciativas, mas não temos nada regulamentado. Temos algumas coisas, um princípio de curso de extensão aqui, tem matéria optativa ali. [...] Tem iniciativas e desejos. [...] Está começando a coisa. E eu gostaria muito que isso virasse fato. Que isso criasse raiz. Como o Boal falava, nevrálgico. Enquanto não estiver nevrálgico eu não vou sossegar. [...] Como se fosse uma dívida que e tenho com Boal, comigo mesma e com o mundo, o mundo acadêmico. O mundo acadêmico não pode não ter Teatro do Oprimido! Como um curso de Teatro não tem Teatro do Oprimido, não tem nem uma matéria que seja dividida: Teatro do Oprimido, teatro de não sei o quê... sabe? Vários teatros brasileiros. Não tem nem isso. [...] O que tem é quando o professor propõe. Porque não tem nada currículo que diga que tem que estudar Boal. E quando o professor propõe geralmente é para estudar o Arena. Vai estudar o Teatro de Arena, não vai estudar o Teatro do Oprimido. E isso é uma sacanagem com o método teatral. É uma injustiça com o método teatral. É um absurdo. E é um absurdo com a academia, porque ela precisa conhecer o Teatro do Oprimido e não só no mundo das Artes Cênicas. Poxa, não tem! Quer coisa mais útil para a educação e para a pedagogia do que o Teatro do Oprimido? Coisa mais pedagógica? Irmão, Boal era irmão de Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido e Teatro do Oprimido são irmãos também. Um foi mais para a educação o outro foi mais para o teatro, mas como pode não ter. [...] Então, todo mundo que está na academia eu cobro, porque eu acho que tem o dever de fazer sua monografia, sua tese de mestrado, de doutorado, mas o quê mais além disso? O que mais que eu posso fazer? Eu vou ficar só na minha tese, eu e meu livro estudando e minha orientadora ou eu posso fazer mais? O que eu posso fazer com isso? Como que eu posso fazer que a minha tese institua um curso de extensão ou ajude a cutucar, sabe? Cutucar os outros professores, cutucar as pessoas... Ah, vou levar uma oficina para os professores, para animar as pessoas, para ajudá-las a perceber, depois eu vou dar uma aula tal, vou propor um seminário tal, vou levar o CTO, sei lá... Eu cutuco todo mundo que é do mundo universitário. Quem entende o Teatro do Oprimido, quem entende a importância é como se a gente tivesse a obrigação, sabe? [...] Fica aqui um empurrão. E a gente está aqui a disposição para ajudar no que for necessário para isso acontecer. (Helen Sarapeck, coordenadora do Centro de Teatro do Oprimido, 08/12/2010).